



Os slams como potências educativas da cultura periférica

Karyne Passos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

biokaryne@gmail.com

Palavras-chave: Favela. Cultura Periférica. Educação Antirracista.

Resumo

Em 1888 o Brasil se torna o último país das Américas a abolir a escravidão, após mais de 300 anos de violência e negação de direitos humanos de africanos trazidos a força para cá, bem como de seus descendentes. Como informam Garrahan et al. (2016), no contexto de abolição os governantes não estavam muito preocupados com aqueles que sofreram com a escravidão, o que resultou em ausência de políticas públicas de inserção dessas pessoas na sociedade.

Embora livres, esses sujeitos encontravam-se sem emprego, portanto, sem renda e sem moradia e se viram forçados a buscar sozinhos soluções para o problema da habitação, formando assentamentos informais que, futuramente, dariam origem às primeiras favelas (GARRAHAN ET AL., 2016). O primeiro assentamento informal a ser denominado favela, de acordo com Garrahan et al. (2016) e Bueno (2018) foi o que hoje conhecemos como “Morro da Providência”, localizada na região central do Rio de Janeiro e inicialmente batizado como “Morro da Favela” pelos soldados que passaram a povoar o local no final do século XIX após regressarem da Guerra de Canudos – guerra esta que lutaram sob a promessa não cumprida de que receberiam uma casa própria ao retornarem da batalha –, sendo o nome uma referência a um morro localizado em Arraial de Canudos em que crescia uma planta conhecida popularmente como favela.

Para Valladares (2005 apud BRUM, 2019) enquanto a cidade passava por um processo em que se valorizava a modernidade, o racionalismo, a ordem e o progresso, a Favela representava o que se via como atrasado, exótico, desordeiro e amoral, ou seja, em uma perspectiva marcadamente colonial, representava “a antítese do país que se queria construir sob a República” (BRUM, 2019, p. 109). Seguindo a lógica colonial homogeneizante que destitui



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

e generaliza identidades como estratégia de dominação, de acordo com Brum (2019), outros morros, onde se observava características semelhantes àquelas do Morro da Favela, passaram a ser também denominados “favela”, destituindo à palavra a característica de nome próprio e reformulando-a enquanto “uma designação de um tipo de forma de morar na cidade para designar o espaço urbano das classes pobres, inicialmente associado aos morros da cidade, com vários os estigmas a eles atribuídos” (BRUM, 2019, p. 109).

Ao longo desses 100 anos de existência muitas foram as negligências e as tentativas de acabar com as favelas e de estigmatizar através de um discurso racista tanto as favelas quanto os favelados. Apesar da capacidade de resistência dos favelados, que através de sua organização política fizeram as favelas permanecerem vivas até os dias atuais, no imaginário popular esses territórios seguem sendo vistos de maneira estigmatizada como lugares sujos e atrasados, onde reina a desordem e que atuam como berço da violência urbana, assim como os moradores são vistos como criminosos ou, minimamente, como coniventes com o crime e sem nada de bom a oferecer para a sociedade.

Quijano (2005) aponta que a perspectiva europeia que marca de maneira específica nossa experiência latino-americana, nos faz nos enxergar a partir de um espelho que distorce a imagem que reflete. Assim, como bem diz o autor, ao olhar-nos no espelho eurocêntrico não vemos uma imagem que pertence unicamente a nós, mas sim uma imagem distorcida ou parcial, que nos impede de nos enxergarmos nitidamente como quem somos e “como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida” (QUIJANO, 2005, p. 118). A partir disso, podemos pensar que os estereótipos mencionados anteriormente servem, dentre outros fins, para uma desconfiguração identitária associada a uma quebra de autoestima dos sujeitos periféricos, afetando diretamente nossa forma de interagir no mundo.

Um olhar mais atento para as favelas e favelados nos permite, porém, ver o oposto do que apontam tais estereótipos. Favelas são polos multiculturalmente diversos, cada uma com específicas identidades, características, dinâmicas, demandas sociais e formas de manifestação cultural que as tornam únicas, enquanto os sujeitos favelados são tão criativos – haja criatividade para se conseguir fugir das opressões e sobreviver ao racismo no Brasil! – que só não ocupam hoje mais posições de poder devido a segregação e exclusão social que sofrem.



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

Isto posto, podemos concluir que favelas e favelados sofrem com o problema de invenção do outro (CASTRO-GÓMEZ, 2005) e apresentam profundas marcas da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), que destrói o imaginário periférico, reprime, invisibiliza, subalterniza e destitui de fala esses sujeitos, negando sua plena cidadania e não reconhecendo sua grande contribuição para a construção de nossa sociedade.

Grada Kilomba, em Memórias da Plantação (2020), nos traz um questionamento feito anteriormente por Gayatri C. Spivak “pode a subalterna falar?” e reflete sobre a impossibilidade de falar da subalterna, que, aprisionada ao silenciamento e a marginalidade que o pós-colonialismo a prescreve, não é escutada ou compreendida por aqueles que ocupam posições de poder. A subalterna para Spivak (1995; apud KILOMBA, 2020) não existe como sujeito, simbolizando sua posição “como sujeito oprimido que não pode falar porque as estruturas da opressão não permitem que essas vozes sejam escutadas, tampouco proporciona um espaço para a articulação das mesmas” (KILOMBA, 2020, p. 47).

O favelado, enquanto subalterno, tem sua fala restrita pelo padrão de poder, porém, enquanto sujeito criativo e resistente, se ampara comumente em movimentos culturais que funcionam como espaços de articulação e reverberação das vozes oprimidas, como é o caso do funk, do samba, do hip-hop e do slam, por exemplo. Tais movimentos demonstram-se enquanto potências de desconstrução de discursos hegemônicos que devem ser valorizadas pela educação que se compromete em prol da emancipação social, em especial a educação antirracista.

Na presente pesquisa, ainda em andamento, realizada dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), defendo a ideia de que os Slams (batalhas de poesia) são espaços que possibilitam tanto a escuta, como a articulação e a reverberação dessas vozes marginalizadas que, acolhidas e apreciadas pelo público, não somente falam, mas recitam, cantam e dançam suas histórias e culturas, desmistificando ideais preconceituosos e criando outras narrativas de valorização da cultura preta, periférica e LGBTQIAP+. Assim, busco compreender as potencialidades educativas que emergem deste movimento cultural a partir de uma pesquisa etnográfica, na qual procuro identificar as narrativas contra-hegemônicas e refletir sobre os conhecimentos mobilizados pelos slammers em suas poesias.



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

A pesquisa realizada até o momento permitiu identificar que os Slams, ao chegarem ao Brasil, assumiram uma identidade marcadamente periférica – vide a quantidade de Slams que ocorrem nas favelas e periferias – negra e feminista, que contribui significativamente para a reeducação das relações étnico-raciais e para a equidade de gênero. Através das performances poéticas, esses sujeitos expõem vivências atravessadas pelo racismo, pela LGBTQIAP+fobia, pelo machismo, pelo sexismo, pela transfobia, pelo capacitismo, pela intolerância religiosa e outras formas de violência que nada mais são que reverberações de uma cultura colonial moderna que, de acordo com Castro-Gomez (2005) e Lugones (2014), vê apenas o homem, branco, burguês, heterossexual, letrado e cristão como sujeito digno de cidadania.

Dentro desse movimento, as expectativas de subordinação, silêncio e de baixa articulação intelectual que o padrão de poder tem sobre esses sujeitos periféricos são quebradas das mais criativas formas. Os discursos, muito associados aos do Movimento Negro e com forte marca de um pensamento decolonial, expõem a consciência favelada sobre si e a realidade de injustiças e desigualdades vivenciadas no corpo e no espírito dos sujeitos subalternos de forma crítica e inteligente, desarticulando discursos hegemônicos e promovendo a valorização desses sujeitos e de suas vidas.

Assim, tal movimento pode funcionar como um lócus de aprendizado muito interessante para aqueles que buscam por perspectivas de educação antirracista engajadas com as demandas sociais periféricas. Vale, porém, ressaltar que devemos tomar muito cuidado para não assumirmos o lugar de “apropriadores”. Devemos olhar para os Slams, assim como para outros movimentos culturais periféricos, com os olhos atentos de quem deseja se reeducar e, assim, contribuir significativamente para a reeducação das relações étnico-raciais, não com o olhar colonizador que busca descobrir algo novo a fim de tomar para si.



**VI CONGRESO LATINOAMERICANO
DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN
BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023**
**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

Referências:

- BRUM, M. Breve História das Favelas Cariocas: das origens aos Grandes Eventos. Maia, R. *O Rio (Re)visto de suas margens*. Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 108-135, 2019.
- BUENO, E. *A história da primeira favela do Brasil*. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9fx9p-tvD0s>. Acesso em 10 dez. 2022.
- CASTRO-GÓMEZ, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, p. 87-95, 2005.
- GARRAHAN, S.; JONES, J.; OWUSU, J. *O que é favela?*. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sxwTqGzCUyc>. Acesso em 10 dez. 2022.
- LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, p. 935-952, 2014.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (coord.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.